

# ¡MATARON A GAITÁN! ASPECTOS VISUAIS DA VIOLÊNCIA DO BOGOTAZO. COLÔMBIA, 1948

DOI: 10.5935/2177-6644.20180014

¡MATARON A GAITÁN! VISUAL  
ASPECTS OF THE BOGOTAZO  
VIOLENCE. COLOMBIA, 1948

¡MATARON A GAITÁN! ASPECTOS  
VISUALES DE LA VIOLENCIA DEL  
BOGOTAZO. COLOMBIA, 1948

Ivania Valim Susin \*

**Resumo:** *El Bogotazo* (1948) refere-se a eventos posteriores à execução de Jorge E. Gaitán, líder do P. Liberal na Colômbia. O assassino, Juan Roa Sierra, foi morto horas depois e teve seu corpo profanado pela turba. Às mortes, seguiu-se uma série de destruições de monumentos e prédios públicos. As fotos circularam em periódicos colombianos e internacionais, tecendo diferentes narrativas sobre a violência.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Fotografia. Violência. Celebridade.

**Abstract:** *El Bogotazo* (1948) refers to events after the execution of Jorge E. Gaitán, leader of the Liberal Party in Colombia. The killer, Juan Roa Sierra, was killed hours later and had his body desecrated by the mob. After the deaths, destruction of monuments and public buildings occurs. The photos circulated in Colombian and international journals, weaving different narratives about violence.

**Keywords:** Photojournalism. Photography. Violence. Celebrity.

**Resumen:** *El Bogotazo* (1948) se refiere a eventos posteriores a la ejecución de Jorge E. Gaitán, líder del P. Liberal en Colombia. El asesino, Juan Roa Sierra, fue muerto horas después y tuvo su cuerpo profanado por la turba. A las muertes, se siguió una serie de destrucciones de monumentos y edificios públicos. Las fotos circularon en periódicos colombianos e internacionales, tejiendo diferentes narrativas sobre la violencia.

**Palabras clave:** Fotoperiodismo. Fotografía. Violencia. Celebridad.

---

\* Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. E-mail: ivaniavalim@gmail.com

## Introdução

O dia 9 de abril de 1948 ficou conhecido como *El Bogotazo* depois que o célebre líder do Partido Liberal, Jorge Eliécer Gaitán foi assassinado com três tiros pelas costas, quando saía de seu escritório de advocacia no centro de Bogotá. Entre gritos de *¡Mataron al Doctor Gaitán!*, o assassino, Juan Roa Sierra, teve seu corpo arrastado por uma turba revoltada e descontrolada ao longo de oito quadras, no trecho que separava o local do assassinato do Palácio do Governo, onde foi amarrado com os braços abertos nos portões do edifício. Aparentemente sem motivações políticas, o assassino apenas alegava ser a reencarnação de Quijada e Santander e, mais tarde, veio a saber-se que era membro da Rosa Cruz.

À morte e profanação do corpo do assassino, seguiu-se uma série de destruições de monumentos históricos e prédios públicos, com incêndios, sobretudo no centro histórico de Bogotá e algumas áreas da zona rural, e motins em outras cidades colombianas. Os corpos dos mortos durante os confrontos foram enviados ao Cemitério de Bogotá, onde uma nova galeria precisou ser aberta para comportá-los.

Gaitán, de carreira política meteórica<sup>1</sup>, era o então líder do Partido Liberal e, mesmo sem êxito na primeira tentativa, surgia como possível vitorioso nas eleições presidenciais de 1950, com forte apelo junto às massas. Cabe dizer que os governos dos quarenta anos precedentes, incluindo o do presidente àquele momento, Mariano Ospina Pérez, eram de membros do Partido Conservador.

Nos anos seguintes, precisamente até 1965, a Colômbia viveu um período de terror que ficou conhecido como *La Violencia*, com a formação de bandos e milícias. A tortura, a mutilação, a decapitação e a violação dos corpos das mulheres<sup>2</sup>, além da prática de queimar pessoas vivas, constituía-se em alguns dos elementos de uma resistência violenta em oposição à intransigência do Estado.

Apesar de sua inquestionável importância no cenário político da Colômbia, a memória de Gaitán divide espaço com o trauma provocado pelos acontecimentos que se sucederam à sua morte. As imagens da multidão descontrolada e da cidade destruída

---

<sup>1</sup> Em 1940, torna-se Ministro da Educação; em 1942, Senador e presidente do Senado e em 1944, Ministro do Trabalho. Neste mesmo ano, disputa as eleições presidenciais, mas perde para um candidato conservador.

<sup>2</sup> Em Becerra (2013) encontramos a referência ao livro *La violencia en Colombia. Estudio de un proceso social* (1962), onde, segundo o autor, encontra-se o primeiro compilado das fotografias de violência produzidas entre 1948 e 1965.

ocuparam as páginas da imprensa colombiana e internacional, tanto quanto os retratos de Gaitán morto.

### Construindo a destruição

Evidenciar a existência de um discurso visual sobre o Bogotazo é um dos objetivos da minha pesquisa de doutorado. Com isso, a visualidade do evento constituiu-se como resposta aos possíveis questionamentos. A pretensão se faz possível, não só pela quantidade de fotografias e maciça circulação em jornais, mas também, pela diversidade das narrativas.

Até este momento, foram localizados os seguintes fotógrafos: Manuel H. Rodríguez, Sadi González, Luis Gaitán (Lunga) e Carlos Jiménez. Entre eles, o maior e mais acessível acervo é o de Sadi González, cujas fotografias foram organizadas por sua esposa, Esperanza Uribe. Levando em consideração apenas o acervo de González para o Bogotazo, poderíamos elencar alguns temas principais: a) Gaitán morto – referente às fotografias produzidas no Hospital Central, onde morreu Gaitán; b) a turba – fotografias de civis e *machetes* pelas ruas nas horas seguintes à morte de Gaitán; e c) a destruição da cidade de Bogotá. Entre os temas, o último contém a maior quantidade de registros.

O discurso visual ao qual nos referimos fala, sobretudo, da violência. Inicialmente, o foco estava nas fotografias da violência contra os corpos, não só o corpo de Gaitán e de Juan Roa Sierra, mas também dos milhares de civis e militares mortos durante as horas seguintes (aproximadamente 5 mil mortos). Uma vez que se constatou que o maior volume de fotografias falava não sobre os corpos, e sim sobre a cidade, foi possível adicionar encaminhamentos, como por exemplo: a arquitetura como objeto da violência. Não menos importante, a construção narrativa do fotojornalismo parece ter influenciado decisões a respeito da modernização da cidade pós-Bogotazo.

Vale lembrar que a reconstrução de Bogotá foi, da mesma forma, intensamente fotografada e veiculada em periódicos na época<sup>3</sup>. O centro de Bogotá e as áreas adjacentes foram parcialmente refeitos, com investimento notável na verticalização da cidade, deixando para trás, na visão dos administradores, um passado de obsolescência. Conforme Merchán (2011):

---

<sup>3</sup> A pesquisa em periódicos está em andamento, por isso não incluo dados mais detalhados a esse respeito. Por ora, apenas tomei conhecimento do grande número de jornais que trataram destes temas, entre os anos de 1948 e 1950.

[...] los hechos del 9 de abril fueron la catapulta para materializar la modernización del centro de Bogotá, emprendiendo ambiciosos procesos de ‘reconstrucción’ bajo parámetros progresistas que buscaban dejar atrás esas arquitecturas cargadas de subdesarrollo y obsolescencia.

Figura 1: As áreas em vermelho representam os focos de destruição no perímetro urbano de Bogotá.



Fonte: MERCHÁN (2011)

As fotografias, por sua vez, parecem ter auxiliado a construção de um sentido político para as reformas urbanas. Tratava-se de modernizar a cidade para modernizar os cidadãos, talvez numa tentativa de prevenir que eventos dotados de tão pouca civilidade, voltassem a se repetir. Além disso, Gaitán foi morto em meio aos eventos da 9ª Conferência Panamericana, que mais tarde, cumpriria seu objetivo estratégico com a formação da Organização dos Estados Americanos, a OEA. Há alguns meses em meio à desigualdade social, carência de serviços públicos e desemprego que assolavam não apenas Bogotá, mas o interior Colômbia, as autoridades da capital eram acusadas pela população de investir grandes somas em monumentos avultosos, como parte do espetáculo que as autoridades queriam apresentar aos estrangeiros.

Ainda assim, a Bogotá de 1948 não foi poupada da imagem de selvageria de seus habitantes contra os prédios da cidade. Era imprescindível, então, que se construísse uma imagem moderna e civilizada da capital colombiana também no âmbito da visualidade instaurado pelo fotojornalismo.

Segundo Merchán (2011):

A medida que los días pasaron, en los diarios nacionales e internacionales se observa una clara tendencia a tomar el tema de la destrucción, la ruina, la devastación total y los incendios en Bogotá, lo que ayudó a la construcción del conocido imaginario de que el 9 de abril fue el día en que se destruyó Bogotá y, como si fuese una ciudad bombardeada durante la Segunda Guerra Mundial, su reconstrucción fuese necesaria.

A edição do jornal *El Tiempo*, em 12 de abril de 1948, dedicou-se quase que integralmente à reportagem sobre o assassinato de Gaitán. Entre as inúmeras fotografias, há dois retratos de Gaitán vivo, uma fotografia de Gaitán morto, deitado de lado sobre a maca e de costas, para que se vissem as marcas das balas que o atingiram, e uma fotografia dos mortos enfileirados em frente às novas galerias do cemitério municipal. O restante das imagens refere-se à destruição de prédios, à queima de automóveis e travias e à multidão reunida no local do assassinato ou marchando sobre escombros e focos de incêndio.

Uma das imagens da capa traz Gaitán morto no hospital. Nesta imagem, seu corpo está amparado por enfermeiras, médicos e membros do Partido Liberal. A manchete, em letra caixa-alta e fonte de tamanho maior, porém, faz referência aos efeitos do Bogotazo sobre a cidade:

Figura 2: Capa do jornal *El Tiempo*, 12 de abril de 1948.



Fonte: Página do jornal *El Tiempo* na internet.

Na edição de 15 de abril, o *El Tiempo* persiste no tema da destruição. Dessa vez, a página é encabeçada pela seguinte frase: *La destrucción de Bogotá. É como se, com o passar dos dias, fosse possível assenhorar-se do real efeito dos distúrbios, concluindo-se que*

Bogotá não está apenas *semidestruída*, e sim, destruída por completo. Segundo o jornal, as perdas totais somaram cerca de *quinhentos milhões de pesos colombianos*.

Figura 3: Página do jornal *El Tiempo*, 15 de abril de 1948.



Fonte: Página do jornal *El Tiempo* na internet.

A capa do jornal, por sua vez, foca-se na recuperação dos estragos provocados pela *pillagem* – termo usado para nomear os eventos do Bogotazo. A reação dos civis pode ser entendida, entre outras coisas, como o estopim de anos de exploração pelas elites, mas nas páginas do jornal, a violência do Bogotazo é motivada unicamente pela vontade irracional de destruir a cidade.

Por outra feita, ainda que se reforça a ideia de que a cidade está destruída, e que será obrigatoriamente necessário reconstruí-la, o jornal lamenta a perda de uma cidade tradicional, de memória e passado áureos. Reproduzo o trecho abaixo para destacá-lo e facilitar a leitura:

Esta capital de la República ya no es Bogotá. Ya no es aquella ciudad que todos los colombianos y extranjeros residentes em ella, vimos hace ocho días, cuando con orgullo exhibía lujosos edificios y obras de grande [...] como muy pocas otras ciudades del continente. Nuestra ciudad se ha convertido en ruinas, como al una guerra de varios meses y quizá años la hubiera tenido por centro principal de sus actividades. La noble ciudad es un montón de escombros, de cenizas y de humos que aún flamentes desafían al firmamento en busca de albergue. Nuestra amada ciudad se ha trocado – por así decirlo – en la pobre aldehuela arrasada por las hordas inmisericordes de la barbárie y la destrucción; en la triste expresión do lo que fue y no es; de lo que se seguirá siendo el ciento de los comentarios más absurdos en todo el mundo.

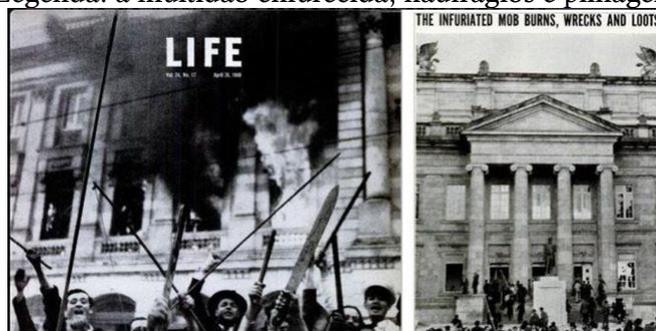
Bogotá é uma cidade admirável na memória daquilo que ela já não é. O texto afirma que a cidade *se ha trocado*, o que soa no mínimo estranho, quando se observa o mapa dos locais afetados pelos distúrbios (Figura 1). Além das áreas estarem circunscritas a bairros ou setores específicos, a maioria dos cento e trinta e seis edifícios ditos destruídos ou com perda total, tiveram apenas parte de sua estrutura colapsada, não sendo necessária *a troca* da cidade antiga por uma cidade nova.

Em um trecho mais adiante na mesma edição, a ação dos civis foi qualificada como *ignorancia de la noción de patria*. A violência contra a cidade é também um ato contra a nação e, conseqüentemente, um ato de negação da identidade nacional. Com isso, entende-se que a arquitetura é capaz de representar a nação e a identidade, assim como a reconstrução da cidade é capaz de reordenar e reorganizar tais noções de acordo com uma ideologia política específica.

Por fim, aparece a preocupação com a repercussão internacional dos eventos. Segundo o jornal, os comentários tecidos serão *os mais absurdos*.

Sabe-se que a imprensa foi uma das principais responsáveis (juntamente com outras esferas da visibilidade), por fazer do Bogotazo um fato público, isto é, de visibilidade local, nacional e, mesmo, internacional. Em outras palavras, ela assumiu um papel novo na cultura política ao criar um espaço de convergência abrangente de interesses, curiosidades, debates, temores, esperanças, aprovação ou desaprovação. A imagem que circulou na imprensa internacional, de uma Bogotá selvagem e seus habitantes bárbaros, precisava ser substituída pela imagem de uma cidade civilizada.

Figura 4: Leo Matiz. Imagens da destruição do capitólio para *Revista Life*, em 26 de abril de 1948.  
Legenda: a multidão enfurecida, naufrágios e pilhagens



Fonte: Marroquín (2012).

Na edição de 16 de abril, o jornal *El Tiempo* reforça a ideia que a cidade está caótica e desorganizada. O caos em Bogotá parece reproduzir, também, o caos no país inteiro. Em uma série de pequenas reportagens na capa, o jornal reafirma a capacidade do governo de reordenar, reorganizar, reconstruir: *En plena actividad entre hoy el país; Transportes, Abastecimientos y Servicios Públicos se Reanudan; Todos los Servicios Públicos de Bogotá Quedan Restablecidos Hoy; Resurge la Actividad Económica*. Esta edição traz ainda, duas fotografias da cidade, onde funcionários da prefeitura aparecem limpando as ruas, e apenas uma pequena referência às homenagens feitas ao cadáver de Gaitán.

Finalmente, ainda no dia 16, o jornal apresenta a seguinte página:

Figura 5: El Tiempo, 16 de abril de 1948.



Fonte: Página do jornal *El Tiempo* na internet.

Além do evidente exagero sobre o volume dos escombros, outra frase chama a atenção: *Bogotá será reconstruída bajo el imperio del esfuerzo y del civismo*. Uma semana após os eventos, a reconstrução da cidade inteira era uma certeza, não só pela quantidade imprecisa de estragos, como também pela necessidade de alterar-se a imagem de Bogotá no cenário internacional. O esforço é também por civilizar os cidadãos, de fora para dentro, impondo uma cidade nova e moderna.

Mais interessante do que as fotografias veiculadas nos jornais, é aquilo que não foi fotografado. Todo o restante da cidade que não sofreu as consequências do Bogotazo é inexistente. Conforme Pernet (2013):

[...] es inexacto pensar que ese día aciago la mayor parte de Bogotá fue destruída por las muchedumbres liberales. Sin duda hubo destrozos considerables cerca del lugar del homicídio, pero con el tiempo se há

comprovado que muchos edificios solo sufrieron daños superficiales pero fueron poco después demolidos para adelantar procesos de renovación urbana en la ciudad, aduciendo supuestos daños irreparables causados por el 'Bogotazo'.

## Considerações finais

Neste ponto, sintetizo algumas questões que começam a se desenhar entre o balanço historiográfico e a consulta de fontes, ambos em fase inicial.

### A. Visibilidade

Não se trata de um estudo tradicional de cultura visual (visual / visível / visão) nos moldes que propôs Meneses (2005). A historiografia, aliás, tem analisado aspectos desarticulados desse horizonte, e assinalado a importância da fotografia para a construção da imagem mítica de Gaitán. Tarefa importante, também, é a análise sistemática das imagens, para caracterização das linguagens e para estudos de recepção – ou, para usar uma expressão mais adequada à História Cultural: os estudos de apropriação das imagens (circulação, consumo, repetição, audiência etc).

### B. Celebridade / Visibilidade

Algumas questões surgem como comuns na pequena porção de bibliografia consultada até o momento: o imaginário, a memória, a sobrevivência simbólica do Bogotazo, nas mais diversas modalidades (literatura de ficção, música, cinema, publicidade etc.) até os dias de hoje. E muito se falou do "mito" de Gaitán.

Sem minimizar a importância dessas questões, este eixo dá maior ênfase à celebridade. A historiografia aborda o tema ainda a partir de um sentido difuso de fama, ressaltando, como é óbvio, o papel da imprensa e da fotografia e a colaboração autoral do próprio Gaitán.

A socióloga francesa Nathalie Heinich (2012) nota que a celebridade, nas sociedades pré-modernas, era definida pelo renome, isto é, o reconhecimento de um nome ilustre. O principal vetor era a palavra. Acrescente-se que a palavra fama está etimologicamente associada ao falar. Já nas sociedades modernas, sobretudo depois da invenção e difusão da fotografia, trocou-se o nome pela imagem, pela figura, em especial a fisionomia do sujeito célebre. Em consequência, ela propõe que a visibilidade seja o

fenômeno dominante, e caminho para estudo da celebridade. A visibilidade é aquele campo dos estudos de cultura visual mais próximo envolvido por questões de poder, pois diz respeito às conveniências e inconveniências de ver e ser visto, assim como, no inverso, à invisibilidade, secreciedade, interdições (MENESES, 2005).

Já no item anterior (A) ficou patente a importância da visualidade para descortinar horizontes muito além dos simples fenômenos perceptivos. Heinich ressalta o potencial estratégico da visibilidade como aquele *fato social total* proposto por Marcel Mauss. Assim, o estudo da visibilidade projeta luz sobre técnicas, economia, ideologia, valores, religião, política, hierarquias sociais, valores etc,

### C. Imprensa

A problemática da celebridade/visibilidade nos conduz quase automaticamente a examinar suas relações com a imprensa. A imprensa é uma das principais responsáveis (justamente com outras esferas da visibilidade), por fazer do Bogotazo um fato público, isto é, de visibilidade local, nacional e, mesmo, internacional. Em outras palavras, ela assumiu um papel novo na cultura política ao criar um espaço de convergência abrangente de interesses, curiosidade, debates, temores, esperanças, aprovação ou desaprovação. Mais que nos discursos de parlamentares, nos relatórios de governo, nas cerimônias oficiais ou na própria literatura de ficção, é na imprensa que se terá condições de ampliar e ecoar as questões de conhecimento e referência comuns. Essas duas condições (ampliação e eco) foram capazes até mesmo de neutralizar os entraves que podemos supor com as altas taxas de analfabetismo da região (além obviamente da interação de textos e imagens visuais).

No Brasil, o surgimento do fotojornalismo, anterior aos nossos recortes cronológicos, teve uma trajetória um pouco distinta, mas, de certa forma, também associada à prática do trabalho de campo e do deslocamento de fotógrafos, como Flávio de Barros, que registrou a ação em curso de Canudos. A produção historiográfica sobre o tema apresenta poucos trabalhos gerais e alguns artigos monográficos. A análise do fotojornalismo é mais efetiva a partir do estudo de revistas ilustradas.

#### D. Violência

Finalmente, coloca-se a questão da violência, central no caso do Bogotazo. Não é o caso de se levar em conta, para tanto, apenas a abundante documentação visual. O objeto dessa representação também é visual no seu modo de ser.

Há uma violência escondida, envergonhada, até mesmo arrependida, que se basta a si própria. Há, porém, uma violência que necessita radicalmente de público. A maior parte das mutilações produzidas durante *La Violencia* se enquadra nesta variante, em especial na modernidade. Não se trata apenas de eliminação de um inimigo por um método bárbaro, mas de um ato de comunicação, pois ela é emissora de significados, para os quais a violência é sobretudo um potenciador da comunicação.

Falando da degola como espetáculo (em nossos tempos, mas aplicável aos tempos do Bogotazo), Michele Marzano (2011) demonstra que esse ato violento se tornou um recurso de expressão e de pressão política pela teatralização dos sacrifícios humanos. Daí o caráter ritual da decapitação e a codificação dos gestos técnicos, a importância radical da visibilidade e, obrigatoriamente, a espetacularização da violência.

#### Referências

- ANDRADE, M. M. **La ciudad fragmentada**: una lectura de las novelas del Bogotazo. INTI. N. 55/56. PRIMAVERA 2202 – OTOÑO, 2002.
- BECERRA, A. J. El periodo de La Violencia en Colombia y el uso de las imágenes del terror, 1948-1965. **Revista de Antropología Experimental**. n° 13, 2013, p. 151-165.
- COSTA, H. e BURGI, S. **As origens do fotojornalismo no Brasil**. Um olhar sobre O Cruzeiro, 1940-1960. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.
- CRARY, J. **Técnicas do Observador**: Visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Diante da Imagem**. Editora 34, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O que vemos, o que nos olha**. Editora 34, 2008.
- GELL, A. **Art and Agency**: An Anthropological Theory. Oxford University Press, 2013.
- GONZÁLEZ, R. A. **Designing Pan-America**: U.S. architectural visions for the Western Hemisphere. Austin-TX: University of Texas Press, 2011 [Foreword, Preface, Introduction].
- MARROQUÍN, A. M. R. El fotoreportaje y El Bogotazo: imagen y memoria de un pueblo. **Revista Historia 2.0 Conocimiento histórico en clave digital**. Volumen II. N. 3. Enero-Junio de 2012.
- HEINICH, N. **De la visibilité**. Excellence et singularité en régime médiatique. Paris, Gallimard, 2012.

MENESES, U. T. B. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, no. 14, p. 131-151.

\_\_\_\_\_. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n° 45, 2003, p. 11-36.

MITCHELL, W. J. T. **Iconology: image, text, ideology**. Chicago, IL: Univ. of Chicago, 1987

\_\_\_\_\_. Showing seeing: a critique of visual culture. **Journal of Visual Culture**, v. 1, n. 2, 2002, p. 165-181.

MORSE, R. As Cidades 'Periféricas' como Arenas Culturais: Rússia, Áustria e América Latina. **Estudos Históricos**, n° 8, 1995, p. 205-22

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. **O destino das imagens**. Editora Contraponto, 2012

SARLO, B. Respostas, invenções, deslocamentos. In: **Modernidade periférica**. Buenos Aires 1920 e 1930. Trad. e posfácio Júlio Pimentel Pinto; prólogo: Sérgio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 59-126.

ZAPATA, M. I. Las fotografías de prensa sobre el 9 de abril de 1948 entre el recuerdo y el olvido. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.5: 167-191, julio-diciembre 2006.

Sites:

PERNETT, N. **Jorge Eliécer Gaitán y los usos de la memoria**. 2013. Disponível em:  
<http://blogcasadelahistoria.blogspot.com.br/2013/04/jorgeeliecergaitanylosusosdela.html?spref=fb>. Acessado em: novembro de 2016.

La Bogotá con que soñó Le Corbusier. **Jornal El Tiempo**, 10 de abril de 2011. Disponível em:  
<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-4495566>. Acessado em: novembro de 2016.

MERCHÁN, C. F. A. **El mito del 9 de abril: ¿Bogotá está semi destruida? Bogotá nunca volvería a ser la misma...** Disponível em:  
<http://www.a57.org/articulos/cronica/El-mito-del-9-de-abril>. Acessado em novembro de 2016.

**El Tiempo**. Lunes 12, Jueves 15, Viernes 16, Sábado 17, y Domingo 18 abril de 1948. Disponível em:  
<http://www.eltiempo.com/multimedia/fotos/pasodeeltiempo/el-bogotazo/15535657>. Acessado em: novembro de 2016.

Recebido em: 05 de setembro de 2018.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2018.